

VOTE NU  
(por uma política sem vestes)

Natasha de Albuquerque

**Resumo:** Este artigo disserta sobre o cenário de crise política, a perplexidade ante a Arte Contemporânea e a crítica da nudez enquanto arte. O corpo é a nossa principal arma política por desafiar as amarras sociais e testar outras corporeidades. Também é proposta a disseminação da frase “VOTE NU” como uma campanha política a favor da nudez, da liberdade, do desnudamento político e social. Lutamos por uma nudez de protesto, anarquia e deboche a partir de uma estética do escândalo e de superexposição.

Palavras chave: Nudez, Protesto, Vote Nu, Arte Contemporânea.

*O que atropelava a verdade era a roupa,  
o impermeável entre o mundo interior e mundo exterior.*

*A reação contra o homem<sup>1</sup> vestido.*  
Oswald de Andrade

A problematização da nudez que envolve as instituições artísticas ocorreu em massa no Brasil a partir de 2017. Esta situação funcionou como uma “*cortina de fumaça*” e pareceu um tipo de manobra política para desviar a atenção popular dos escândalos de corrupção na política brasileira. O debate social sobre o que é inadmissível se radicalizou nas redes sociais, nas ruas, nas relações sociais e oscilou entre a política e a arte contemporânea. Na arte, o corpo despido foi questionado e gerou reflexão sobre a nossa História Pós-colonial que pouco se pergunta: por que vestido?

Todos sabemos que a cultura da roupa ocidental no Brasil aconteceu a partir de sua colonização. Antes dos processos “*civilizatórios*” e catequizantes, a família tradicional brasileira que aqui vivia, estava nua. Hoje, a nudez pode ser muito tensa quando se percebe na cultura uma herança teológica muito forte; inclusive é criminalizada em espaços públicos porque evidencia-se na jurisdição forte influência cristã. O atentado violento ao pudor é determinado pelo tabu subjetivo do que é libidinoso e constrangedor, varia de pessoa para pessoa e de corpo para corpo ao ser considerado incômodo ou não. Questionamos o tabu enquanto limite social por querer uma política laica, libertadora e sem vestes.

Diz Giorgio Agamben (2014): o tabu está extremante ligado aos olhos condicionados à herança teológica que remete à história de Adão e Eva na seguinte ação: ao comer o fruto, eles abriram os olhos e perceberam que estavam nus.

Nesta mitologia eles estavam nus antes, mas não percebiam. A “*descoberta*” do corpo foi a percepção de sua nudez, pois, ao comer o fruto, perderam o “*véu da graça*” e perceberam sua natureza humana “*imperfeita*”. “*O problema da nudez é, portanto, o problema na natureza humana na sua relação com a graça (...) quer dizer que o pecado não introduziu o mal do mundo, mas simplesmente o revelou.*” (AGAMBEN, 2014, p.95 - 100).

Ao ser relevada a nudez da corporeidade humana, para os cristãos, vem a vergonha. Lutamos enquanto humanos por querer tirar as roupas e brincar com nossos próprios órgãos. Queremos que nossas percepções sejam nuas, que os corpos estejam vivos, plenos ou avessos como um *corpo sem*

---

<sup>1</sup> Grifo nosso. As citações que possuírem a palavra homem para designar o genérico de ser humano serão tachadas.

*órgãos* (DELEUZE). Questionamos a revelação do corpo como defectiva, vemos no erro um efeito, assumimos as imperfeições e o desnudamento de tudo. Na expulsão do éden, a sensação de despertencimento; na arte, a ocupação nua e plena de todos os lugares possíveis.

Para Agamben, a nudez é uma natureza nunca alcançada por completo, é infinita e nunca cessa de acontecer. Podemos nos desnudar incansavelmente e nunca cessar de vestes e amarras a serem despidas. A olho nu, desvendamos as camadas duras do corpo para ter um encontro direto de simbiose e embate com as coisas. A nudez começa no corpo em sua imanência com o mundo e total falta de fronteiras. O corpo, a pele e os órgãos se misturam e se contaminam com o espaço e com todos que estão em volta.

A nudez, em momentos de debate político, acontece também como um desarmamento e como manifestação de confiança no outro, confiança em si, autodomínio, reconhecimento e imposição. Muitos ficam nus como forma de manifestação política para evidenciar um ponto, uma questão agravante. Podemos pensar como seria uma política nua e explícita, como seria se todos os políticos estivessem nus e sem farsas. Também podemos simplesmente não ver dicotomia entre a nudez e a veste.

Podemos fazer política quando fazemos da nudez a nossa arte, o nosso posicionamento e quando evidenciamos o que somos de forma crua. Política não é apenas aquilo que movimenta discursos, são também nossas ações que implantam formas de viver, as relações com o mundo; é nossa performatividade cotidiana, nosso corpo, nossa resistência. A arte gera política por desbravar possibilidades e outras formas de viver - utópicas ou absurdas - nos dois sentidos, ao mesmo tempo. Nela, se produz dissensos e se compõe lugares possíveis. Por ela, redimensiona-se as relações para se chegar no impensável; reconfigura-se o mundo sem fórmulas e sem consensos, numa linguagem de interrogações, desentendimentos e novas possibilidades.

No nosso entender, a política da arte incide sobre o que vemos, o que queremos esconder e o que não queremos ver; incide sobre o que podemos dizer, sobre o que calamos e sobre o que não nos foi dado dizer; incide sobre quem tem a competência de ver, de olhar, de sentir; sobre os que não têm a competência de tocar, sobre os que foram/estão cegos e/ou foram cegados pela sociedade hiperindustrial. (MEDEIROS, 2014, p. 9)

Segundo Medeiros, a relação entre política e arte está na visibilidade, ou melhor, no que é possível

acessar, no que é possível trazer enquanto imagem de mundo, no quanto podemos modificar os meios, na diferença que podemos criar para além dos sinais normatizantes. A arte se instaura socialmente como um micro-poder político de expressão inexplicável, que subverte controle civil e o Estado fazendo parte dele; como uma transparente vontade de poder e de potência<sup>2</sup>.

Podemos citar Antônio Manuel, artista português radicado no Brasil. No ano de 1970 ele inscreveu no 19º Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro o trabalho “*O Corpo é a Obra*” que consistiu nas medidas de seu corpo e seus dados pessoais apenas.

Ao ter seu trabalho rejeitado pelos júris, Antônio Manuel compareceu na abertura do Salão e desceu as escadas NU, remetendo à pintura de Duchamp *Nu descendo as escadas* (1912). Com tal atitude, o artista desafiou a estrutura de seleção e a montagem da exposição, desafiou o pudor em uma época de ditadura militar e exaltou o exercício de liberdade artística. Segue seu depoimento:

Comecei a perceber a temática do corpo. Afinal era ele que estava na rua, sujeito a levar um tiro, receber uma pedrada, uma cacetada na cabeça, então imaginei usar o meu próprio corpo como obra. Decidi inscrevê-lo no Salão de Arte Moderna de 1970. Na ficha de inscrição escrevi como título da obra meu nome, as dimensões eram as do meu corpo, etc. Fui cortado. [...] Eu me dirigi ao Museu de Arte Moderna e lá cheguei uma hora antes da inauguração. Aí me veio a idéia de ficar nu. Nada foi programado, a idéia surgiu ali como fruto de um sentimento de asco e de repulsa. As pessoas no *vernissage* ficaram atônitas, mas naquela meia hora eu me senti com uma força muito grande. (MANUEL, 1986)

O corpo é a nossa principal arma política, além de ser grande potência para a arte e para a poética. Gerar visibilidade do corpo em contextos inapropriados gera reboliço e a reflexão: Por que nu? Mas porquê vestido? A aparição do corpo é considerada aqui como forma política por transmitir sensações e gerar de maneira intrínseca questões sobre gênero, cor e sexualidade, e como forma debochada por desafiar as possibilidades de inserção uma vez que nos despimos das amarras sociais.

O corpo quando reprimido, coberto, mudo e proibido é considerado transgressor e deliberado no momento em que fala sobre sua repressão e se liberta dela (FOUCAULT, 2014). O poder de fala e aparição vem como presença potente destes corpos em práticas “*transgressoras*”. Desconstruir os

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Friedrich Nietzsche <https://razaoinadequada.com/2013/07/15/nietzsche-vontade-de-potencia/>

limites e aumentar os atritos ajuda a construir novas significações, novas políticas e novos caminhos.

A ação decisiva é o desnudamento. A nudez (...) é o estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do fechamento em si mesmo. Os corpos se abrem à continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentimento da obscenidade. A obscenidade, significa a perturbação que desordena um estado dos corpos conforme a posse em si, a posse da individualidade duradoura e afirmada. (BATAILLE, 2014, p.41)

Em cada nudez, uma possibilidade de diálogo, troca, grito, mistura, perturbação e multiplicidade. A obscenidade do corpo desnudo, segundo Bataille, opera no erotismo que atinge o ser em seu mais íntimo, em seu tremor, na passagem do estado normal para uma ordem descontínua, destituída. O que Bataille quer dizer é que somos seres descontínuos, distintos uns dos outros; em tal distinção há abismos. O erotismo estaria em pular no abismo, na queda - pelo desejo de se derramar no outro. A busca de uma fusão é fruto da descontinuidade do ser, em busca de continuidade e multiplicidade – oposta à individualidade afirmada. O erotismo vem da sensação de quebrar os limites, as barreiras individuais, as barreiras sociais e na transgressão da normalidade.

No tremor do corpo, na potência de sua visibilidade ou num debochado *bundalelê*, gera-se a dúvida da nudez deste trabalho enquanto performance, arte ou *strip tease*, pornografia, pós-pornô, erotismo, baixaria ou como manifestação política, denuncia, crítica, reflexão, ou até como algo gratuito, *fuleragem*, amadorismo, sem cabimento. Seriam todas estas juntas? Tanto faz. Deixamos em aberto os deslizos de uma produção que habita todos os lugares possíveis, que provoca prazer e reboço, reflexão e festa.. Vestidos, desvestidos ou com apenas um mamilo aparente, nossos posicionamentos mudam de lugar numa dança ambígua de encaixes.

## OFICINA DE NUDISMO

VOTE NU é uma ideia que surgiu entre amigos em 2015, com Leonardo Paiva, Rafael Fita e Natasha de Albuquerque. Estávamos nus, rindo e de repente o trocadilho surgiu. VOTE NU aparece

como uma frase óbvia, porém nova ao nosso vocabulário e correspondente ao que estávamos vivendo. Alguns meses depois vi por acaso um balão rosa murcho voar longe pela plataforma da Rodoviária de Brasília - me parecia um peitinho voando, dançando no ar, perdido no vento de uma paisagem gigante e urbana. Ao viajar no ar junto ao peitinho de balão, foi então que projetei a instalação chamada “Oficina de Nudismo”:

Consiste em um ambiente em que as pessoas possam ficar nuas legalmente. Podendo ser ambiente sala inteiramente coberta de cartazes com a frase “VOTE NU”. Na entrada, ficará a seguinte placa ‘faça o que quiser, até ficar nu’ e uma arara de roupas para que o público se sinta à vontade de abandonar suas roupas enquanto ocupa e resiste. O ambiente será imerso de peitinhos voadores que são feitos de balões em tonalidades corporais enchidos parcialmente para que adquiram mamilos poéticos. Os peitinhos ocuparão todo o chão do ambiente, sendo assim a definir a quantidade (entre 300 a 1000 balões). O espaço deve ser visualmente isolado, no sentido em que pessoas de fora não consigam ver o que está dentro. Nas paredes, cartazes escritos ‘vote nu’, porém elas poderão ser despidas durante a exposição. (ALBUQUERQUE, projeto oficina de nudismo, 2015)

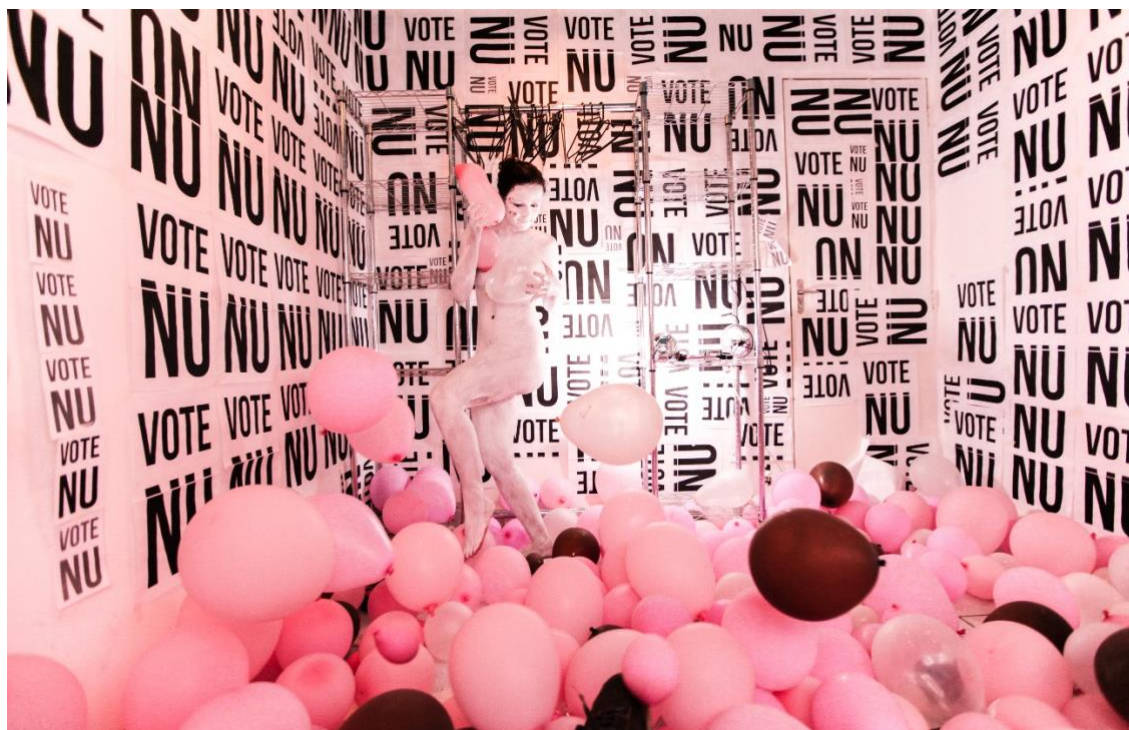


Figura 1: Oficina de Nudismo. Proposta por Natasha de Albuquerque.  
Foto e edição: Bruno Corte Leal. Exposição "Transitório Permanente". Galeria Elefante. Brasília, 2016

O projeto rodou em alguns editais de seleção até conseguir sua realização em 2016 na “*Transitório Permanente*” na Galeria Elefante (figura 1). A curadoria da exposição visava tanto a mutabilidade da performance, como categoria histórica, quanto a sua possibilidade de ser exibida: trabalhos ao vivo e também os registros no formato fotográfico e em vídeo.

Foi reservado um quarto somente para a instalação “*Oficina de Nudismo*”. Durante a exposição, ou realização da “*oficina*”, cerca de 40 pessoas ficaram nuas e assim transitaram pela galeria. Algumas desnudavam-se e vestiam-se diversas vezes. Muitos queriam apenas olhar a sala sem entrar e sem tirar as roupas. Com pessoas tímidas, despidas e eufóricas, a oficina foi se formando aos poucos. Na porta, havia um cartaz de instruções:

#### OFICINA DE NUDISMO

1. Faça o que quiser, até ficar nu.
2. Não é necessário respeitar a obra, mas respeite as mina.
3. O nu é totalidade do corpo, trate as pessoas como nus.
4. Votar é uma questão de posicionamento, não é necessário um posicionamento que já exista.
5. Um corpo sem órgãos é capaz de sentir o avesso, assim como você pode fazer do outro corpo o seu órgão.
6. Um corpo aberto é vivido como mistura, assim respiramos o mesmo ar juntos e misturadinhos.
7. Esta sala é um espaço vazio e lugar a ser construído, mas fora dessa sala é lugar normativo a tomar cuidado: não é responsabilidade da proposta cuidar de nus fora dessa sala. Busque testar os limites do espaço.
8. Qualquer banheiro é eternamente legalizado a se posicionar nu.

#### PROPOSTA POR NATASHA DE ALBUQUERQUE

Como a maioria das obras participativas, foram necessários convites diretos para que os visitantes da exposição ficassem sem roupas. Aos poucos, aumentava o número de pelados na galeria, que, transitavam inclusive fora da sala destinada. As relações de tensões foram acontecendo ao misturar vestidos e desvestidos no mesmo ambiente. Quanto mais pessoas se desnudavam, maior o

despojamento da conduta nua e tensão vestida.

Os participantes pediram por uma condução corporal da propositora: “*Pegue um balão, encoste no seu corpo e sinta os seus órgãos; posicione-se de uma maneira que nunca esteve antes. Quantos fazem seus órgãos? O quanto se misturam?*”. Muitos não entenderam bem o comando. Espontaneamente nos misturamos, corremos em círculos no quarto cheio de gente, de balões voando, de peitos balançando, pintos balangando e um coro se formou:

## Coro Nu

(Desconhecido)

The musical score is for a four-part vocal chorus. It begins with a tempo marking of 95 bpm. Each part (Soprano, Contralto, Tenor, and Bass) is written on a single staff with a treble clef for the upper parts and a bass clef for the Bass part. The music consists of a steady, rhythmic pattern of quarter notes. The lyrics 'nu nu nu nu...' are written below each staff. The dynamic marking 'f' (forte) is placed at the beginning of each part. The Soprano part is in the highest register, while the Bass part is in the lowest register.

A oficina de nudismo teve caráter imersivo para o lance em uma experiência de nudez coletiva num ambiente inteiro destinado a isso. O importante aqui é a experiência.

Os nudistas não “*despiram*” os cartazes da sala como o esperado. Ao desmontar a exposição, os papéis foram guardados. Posteriormente, parte dos cartazes utilizados na exposição foram distribuídos para a Ocupação do prédio da Funarte de Brasília em 2016 (figura 2) - tomando corpo em um contexto político e artístico de protesto contra a extinção do Ministério da Cultura (MinC) e contra o governo Temer recém assumido. Novamente, VOTE NU ocupou e resistiu.





Figura 2: Ocupação FUNARTE com cartazes VOTE NU. Colagem por Lúcio de Araújo. Brasília, 2016.

No mesmo ano, a outra parte dos cartazes foi distribuída em rede nacional organizado pelo *Circuito Grude* (site <https://circuitogrude.wordpress.com/>): circuito livre de trocas de lambes, via correio, entre coletivos e artistas independentes de diversos lugares, para realização de colagens em espaços urbanos. Esta é uma rede de cartazes lambe-lambes que procura aumentar as trocas simbólicas, as possibilidades de conexão, colocar em parcerias artistas e movimentos que estão intervindo em distintos contextos urbanos. Os cartazes VOTE NU foram para as cidades do circuito: Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Macapá, Natal, Porto Alegre, Porto Velho, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Teresina e Vitória –com o tema “*Grude pela democracia!*”. Qualquer um poderia ter pensado na frase VOTE NU, como já haviam pensado. Além de algumas postagens anônimas de pichações e lambe-lambes com a frase; o artista José Mário Peixoto, conhecido como Zmário já havia distribuído panfletos com esta ideia (figura 3) durante a *Mostra osso de Performances* em 2012. Em plenas eleições, Zmário foi para ruas próximas às zonas eleitorais, deixou o “*cofrinho*”<sup>3</sup> aparecendo e distribuiu o panfleto com a imagem de uma urna eleitoral e de uma de bunda juntas da frase:

“*Nestas eleições, vote nu*”

Na intenção de ironia e deboche o artista provocou vários risos como também viu desgosto das pessoas. Uma senhora chamou a polícia para deter Zmário alegando que ele estava fazendo propaganda eleitoral em zona eleitoral. Ele fugiu da vista da senhora e continuou a panfletagem.

---

<sup>3</sup> Pequena parte das nádegas.

## NESTAS ELEIÇÕES: VOTE NU!



Figura 3: *Nestas eleições vote nu.* Proposta de Zmário para transeuntes. Mostra OSSO de Performances. Salvador, 2014.

A campanha VOTE NU teve total necessidade de ser reativada em 2017. Como citado anteriormente, em 2017 a problematização da nudez vem à tona nas mídias de massa ascendendo a contraditória cultura de ódio à arte. A contradição está na própria cultura que - aceita o carnaval, aceita uma publicidade de conteúdo majoritariamente sexual e apelativo, que tem acesso fácil à pornografia, faz uso desta e que tem como laço histórico a cultura original indígena, que nasce nu, que toma banho nu - mas que abomina a nudez entendida como corporeidade, como expressão artística, como poética.

Forma-se uma massa de “FORA NUS” que está acostumada em ver certo tipo de nudez mas que abomina outros. Qual tipo nudez é aceito? Porque outro tipo de nudez incomoda? O quanto a própria naturalidade do corpo é inadequada?

A grosso modo, o “*outro tipo de nudez*” é categorizado pelos “FORA NUS” como corpo obsceno, corpo estranho, absurdo, que não pode existir. Talvez a obscenidade esteja em ver a nudez que ultrapassa o padrão do “*agradável*” entendido como corpo da indústria da beleza. Estranho? Não seria este seu próprio corpo nu? Na disseminação do VOTE NU, busca-se por tipo de nudez para além do idílico, além do corpo visto nas mídias, busca-se por uma nudez de protesto, anarquia, choque e deboche a partir de uma estética do escândalo e de superexposição.

Votar nu é em si um ato absurdo por ser uma possibilidade ilegal nas zonas eleitorais, por ocupar o que não se ocupa, por sugerir algo inadequado. Nesta proposta, assumimos o absurdo por meio da nudez que “*não deveria existir*”; que não entra na ditadura do agradável; uma micropolítica de sobrevivência a favor da liberdade do corpo e da existência gritante da corporeidade diversa.

Somos corpos desnudados das amarras sociais e vestimos a camisa de não ter roupas nem tabus.

Ao receber o prêmio do Salão-Residência *Eixo do Fora em 2017-18*, pude investir na produção e distribuição de cartazes, panfletos, adesivos, *buttons* com a frase *VOTE NU* e impulsionar nas redes sociais como uma campanha eleitoral absurda. Foram criados perfis específicos da campanha no Facebook, Instagram e Tumblr, optando por fazer mais postagens na plataforma do Instagram por ser mais popular ao perfil de aderentes da campanha.

[https://instagram.com/votenu\\_](https://instagram.com/votenu_) (censurado 1)

[https://instagram.com/vote\\_nu\\_\\_](https://instagram.com/vote_nu__) (censurado 2)

<https://instagram.com/votenuvotenu> (atual)

[https://votenu.tumblr.com\\_](https://votenu.tumblr.com_) (censurado)

[https://WWW.facebook.com/VOTE-NU-1442691615828811/\\_](https://WWW.facebook.com/VOTE-NU-1442691615828811/_)

Como proposta para o *Eixo do FORA*, foram feitas instalações nos banheiros do Museu Nacional (figura 4). O banheiro feminino, masculino e de deficientes foram revestidos obsessivamente por cartazes *VOTE NU*. As cabines dos banheiros foram associadas às cabines de votação; nelas, predominavam a palavra *NU*, uma vez que se fica nu para fazer as “*necessidades*”. Em todas as descargas tinham a palavra “*vote*”, já que descarregamos nossos votos nas eleições, na política e nos posicionamentos que tomamos todos os dias.



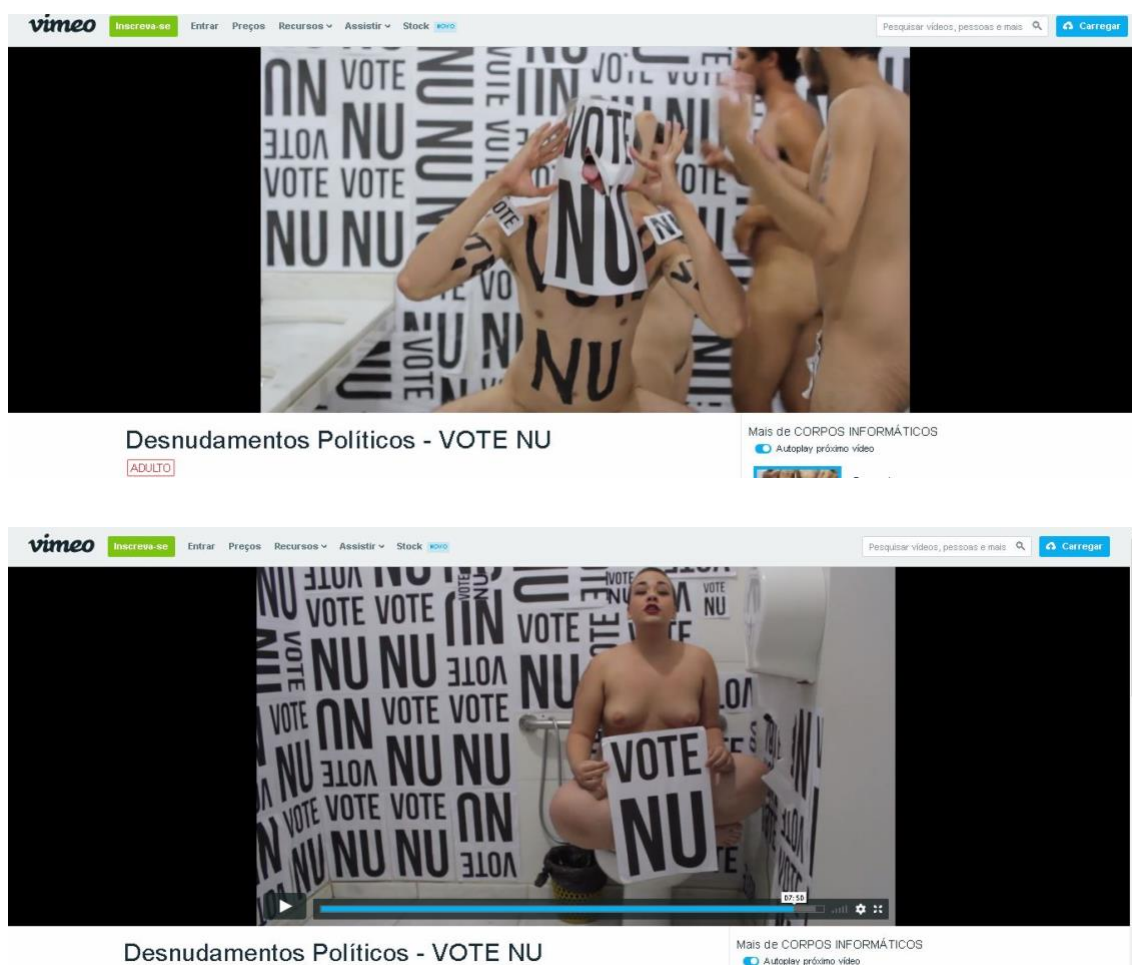


Figura 4: *Desnudamentos Políticos*. Instalação por Natasha de Albuquerque. Exposição *Eixo do FORA*. Museu Nacional da República. <https://vimeo.com/255821740> Brasília, 2017.

A instalação levou o nome de “*Desnudamentos Políticos*” e também foi produzido um vídeo para maior (des)entendimento da campanha (<https://vimeo.com/255821740>). Durante as filmagens, houve um evento evangélico no auditório ao lado informando ser um evento de economia criativa. A produção deste evento desmontou a instalação do banheiro feminino e masculino sem autorização. Tiraram todos os cartazes alegando que iriam “limpar” os banheiros para a utilização do evento deles. Ao esquecerem de “limpar” o banheiro de deficientes, foi possível a continuidade da filmagem sem comprometimento. A pedido da direção do Museu Nacional, os responsáveis do grupo que destruíram a montagem do banheiro feminino e masculino tiveram que arcar com as despesas de reimprimir 1000 cópias dos cartazes que a compunham. Estes cartazes “*novíssimos em folha*” estão sendo espalhados por aí.

O banheiro teve foco por ser um local de nudez cotidiana onde temos a liberdade de expressar tudo o que somos, que ingerimos, tudo o que não digerimos e o que descartamos. Tudo o que “*não se deve ver*” pode ser apreciado no banheiro e logo descarregado nas privadas e pias. As espinhas podem ser exprimidas e podemos analisar nossa pele por inteiro.

O desnudamento de tudo poderia ser um banheiro aberto onde manifesta-se tudo o que é velado mas que faz parte de nossa existência, que compõe nosso corpo, nossos órgãos. O banheiro também se particulariza em um lugar de intimidade, de cuidado, de conversa boa, de reflexão e de autoconhecimento. Podemos fazer festas nos banheiros quando não se têm nada ou nádegas a esconder.

A proposta foi para além do museu e para além do contexto de Salão de Arte. A frase VOTE NU se ausenta de autoria e se lança nas ruas, nas redes sociais por todos que desejam se posicionar sem roupas; gera *mani-festa-ação* e uma nova narrativa política. VOTE NU se massifica, vira *hashtag*, *botton*, adesivo, lambe-lambe, panfleto, praguinha política, foto-performance, tema de carnaval, tema de festa, motivo para tirar as roupa e uma camisa partidária a se (des)vestir. Com a participação de inúmeros iteradores, a campanha roda o Brasil em rizomas no Distrito Federal, Goiás, Macapá, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Artistas, anarquistas, nudistas e simpatizantes movimentam a campanha espontaneamente espalhando o material gráfico e utilizando a #votenu (figura 5).

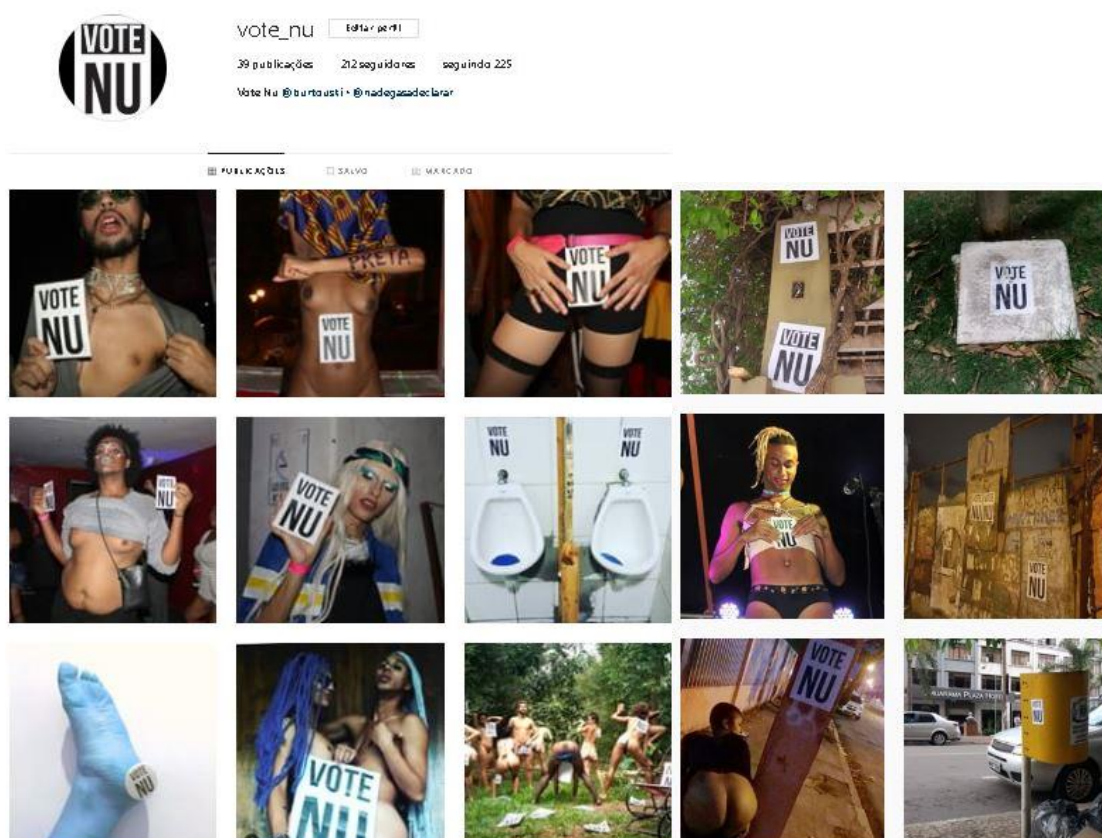


Figura 5: #votenu no Instagram. Postado por perfis diversos. Brasil, 2012 - 2019.

A campanha teve sua maior repercussão na plataforma do Instagram. O perfil oficial @votenu teve bom engajamento e alcance de 3 mil seguidores em 6 meses. O aumento gradual de seguidores também repercutiu no aumento de fotos censuradas. Na política do Instagram, fotos com genitais e mamilos femininos são proibidas. As nádegas são liberadas ficando claro qual é o tipo de corpo que pode aparecer e qual não pode. Corpos gordos, negros, peludos, não binários e são rapidamente deletados pela rede social. Nádegas de mulheres magras não são censuradas.

É de se impressionar o que é categorizado como conteúdo impróprio. A falta de brechas para qualquer tipo de nudez dissonante da indústria de beleza transforma sua existência em pura resistência. É necessária grande força.

Em abril de 2018 o perfil @votenu foi deletado pelo Instagram acusado de ser um “perfil de conteúdo sexualmente sugestivo”, por fazer “solicitação de serviços sexuais” e usar uma “linguagem sexualmente explícita” - segundo o Instagram. É de se questionar o quanto o corpo fora

do padrão de conduta se transforma em pornográfico instantaneamente.

Não adiantou recorrer e não foi possível salvar o conteúdo organizado na *timeline* do @votenu. Porém algumas destas fotos compõe esse artigo sem as tarjas usadas nas redes sociais. As *hashtags* utilizadas pelos perfis dos múltiplos colaboradores continuam disponíveis em redes facilitando a pesquisa, ocupando os espaços virtuais como uma micro-política de resistência e liberdade. Novos perfis são gerados, outras plataformas vão se engajando e o VOTE NU vai se disseminando.

Em uma página ou um banheiro aberto onde tudo é exposto e tudo é possível, declaramos nosso corpo, nossos desejos e a liberdade. Podemos nos desgarrar da arte, podemos nos afirmar nela, podemos ser outra coisa, também; muitas; várias. Estamos em uma poética de atravessamento que não se resguarda em um único local, mas transmuta incessantemente e perde suas medidas. Entre nudismos, avisos, políticas e abismos ouvimos vozes que nos compõe e decompõe a todo momento, nos atravessam e fazem redes. Fazemos parte disso e ao mesmo tempo nos desvencilhamos, nos revoltamos. Em tantas palavras de incompreensão, uma produção contemporânea de nudez resiste e existe em toda e qualquer brecha.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropologia**, ano 1 n.1. São Paulo, maio 1928.
- AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução: Davi Pessoa. Editora Autêntica, Edição 1, 2014.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Fernando Sheibe. 1.ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs- Capitalismo e Esquizofrenia**, vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 1ª ed. Paz e Terra. São Paulo, 2014.
- MANUEL, Antônio. Porque Fiquei Nu. In: **DEPOIMENTOS de uma geração**, 1969-1970. Rio de Janeiro, 1986.
- MEDEIROS, Maria Beatriz de. Performance, Charivari e Política. Revista Bras. In: **Estudos da Presença**. Porto Alegre, v.4, n.1, p.47-59, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>